

**3^a
SÉRIE**

CANAL SEDUC-PI3



PROFESSOR (A):

**LUIZ
ROMERO**



DISCIPLINA:

LITERATURA



AULA Nº:

**MODERNISMO 2^a
GERAÇÃO - POESIA**



CONTEÚDO:



TEMA GERADOR:



DATA:

14.05.2020

A SEGUNDA GERAÇÃO MODERNISTA

BRASILEIRA: POESIA

MODERNISMO – A POESIA DE 30

1930.....

1945



“Alguma Poesia” – Drummond

- CONTEXTO:
- “Consolidação” / Período de maturidade.
- Crise econômica de 1929: queda da Bolsa de Nova Iorque.
- Crise política: Direita (**fascismo, nazismo, integralismo**) e Esquerda (**comunismo**).
- Revolução de 30.
- Ascensão da burguesia industrial.
- **Estado Novo (1937 – 1945).**
- II Grande Guerra Mundial (1938 – 1945).

CARACTERÍSTICAS E TEMAS

- Tendência universalizante: social / religiosa / filosófica / amorosa. . .
- Estabilização das conquistas de 22.
- Equilíbrio estético / Temas do cotidiano.
- Questionamento: existência humana / sentimento de “estar-no-mundo”

GRUPOS TEMÁTICOS:

1. Poesia de tensão ideológica/social

Carlos Drummond de Andrade

2. Poesia de preocupação religiosa / filosófica. . .

Jorge de Lima, Murilo Mendes, Cecília Meireles, Vinicius de Moraes, Mário Quintana, Manoel de Barros.

**3^a
SÉRIE**

CANAL SEDUC-PI3



PROFESSOR (A):

**LUIZ
ROMERO**



DISCIPLINA:

LITERATURA



AULA Nº:

**MODERNISMO 2^a
GERAÇÃO - POESIA**



CONTEÚDO:



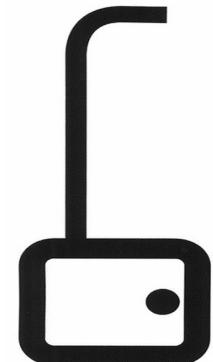
TEMA GERADOR:



DATA:

21.05.2020

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE (1902- 1987)



Arte: Marcílio Godói

- Nasceu em **Itabira do Mato Dentro** – Minas Gerais.
- Inadaptado** entre a **província** e a **metrópole**.
- Polêmica (Revista de Antropofagia – 1928): “No meio do caminho”**

OBRA DE DRUMMOND

1. A fase “*gauche*”: consciência e isolamento

- Refere-se ao nascimento do poeta em que o *anjo* o condena a ser *gauche*: desajeitado, inadequado na vida, torto, às avessas, desencontrado, pessimista, em constante reflexão existencial...

*“Quando nasci, um anjo torto
desses que vivem na sombra
disse: Vai, Carlos! Ser **gauche** na vida”.*
(“Poema de sete faces”)

- **Atitudes poéticas permanentes:** ironia e metalinguagem (a poesia é tema da poesia).
- **Obras:** Alguma poesia (1930) e Brejo das almas (1934)

Poesia

**Gastei uma hora pensando um verso
que a pena não quer escrever.
No entanto ele está cá dentro
inquieto, vivo.
Ele está cá dentro
e não quer sair.
Mas a poesia deste momento
inunda minha vida inteira.**

2. A fase social: todo o sentimento do mundo

- É a adesão do **eu lírico** aos problemas do seu tempo: 1935-1945 – Nazismo, Segunda Guerra Mundial, a guerra na Espanha e, no Brasil, a ditadura Vargas...
- A literatura é social, engajada politicamente.
- A corrosão dos valores.
- A ideia da perda.
- **Obras:** Sentimento do mundo (1940), José (1942), A rosa do povo (1945)

ATIVIDADE

Mãos dadas

Não serei o poeta de um mundo caduco.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou preso à vida e olho meus companheiros.
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.
Entre eles, considero a enorme realidade.
O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.

Não serei o cantor de uma mulher, de uma história,
não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista da janela,
não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida,
não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins.
O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes,
a vida presente.



01. O poema “**Mãos dadas**”, de Carlos Drummond de Andrade, pertence à fase em que sua poesia:

- a) tematiza a infância e a família, tendo por cenário a rude paisagem de uma província mineira.
- b) satiriza os absurdos de uma sociedade marcada pela tecnologia e pelo império dos meios de comunicação.
- c) envereda pelos caminhos do humor e da ironia, expressando-se com frequência sob a forma de poemas-piadas.
- d) manifesta-se grave e combativa, avaliando a responsabilidade social do artista contemporâneo.
- e) explora as questões metafísicas, preocupada em conhecer a origem e a finalidade da vida, independentemente da contingência histórica.

ATIVIDADE

A flor e a náusea

Uma flor ainda desbotada
ilude a polícia, rompe o asfalto
Façam completo silêncio,
paralisem os negócios,
garanto que uma flor nasceu.

Sua cor não se percebe.
Suas pétalas não se abrem.
Seu nome não está nos livros.
É feia. Mas é realmente uma flor.
[. . .]
É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto,
[o tédio, o nojo e o ódio.



01. No poema acima do livro **A Rosa do Povo (1945)**, fase em que o poeta volta-se contra a instabilidade social e política do mundo, o nascimento da **flor** representa:

- a) a possibilidade de se ter esperança e alegria, apesar do contexto sombrio.
- b) é só o nascimento de uma flor sem qualquer relação com o contexto.
- c) o total descompromisso do poeta com a realidade social e política.
- d) uma atitude antilírica sem qualquer compromisso social.
- e) um novo lirismo sem engajamento do poeta na grande questão da época.

3. Sob o signo do NÃO: social, individual e filosófico

- O **eu lírico** manifesta a poesia reflexiva, filosófica e metafísica (morte e tempo).
- Temas universais de caráter existencial: vida, velhice, amor, família, infância, a própria poesia.
- Poesia de um pessimismo corrosivo, ácido, desencanto...
- O **eu lírico** da poesia nominal (tendências ao Concretismo).
- **Obras:** Claro Enigma (1951), Fazendeiro do ar (1955), Vida passada a limpo (1959), e a poesia nominal de Lição de coisas (1962)

4. Fase de retorno: tempo de memória

- O **eu lírico** mergulha no universo da memória e mantém ao lado dos temas universais, outros mais aprofundados: infância, Itabira, o pai, a família, a piada, o humor cotidiano, a autoironia. . .
- **Obras:** Boitempo / As impurezas do branco / amor amores / A paixão medida ... O **erotismo** de O Amor natural (1992), Farwell (1996) – **humor, erotismo, a ironia, o ceticismo.**

A MÁQUINA DO MUNDO (4 estrofes)

**E como eu palmilhasse vagamente
Uma estrada de Minas, pedregosa,
E no fecho da tarde um sino rouco**

**Se misturasse ao som de meus sapatos
Que era passado e seco; e aves pairassem
No céu de chumbo, e suas formas pretas**

**Lentamente se fosse diluindo
Na escuridão maior, vinda dos montes
E de meu próprio ser desenganado**

**a máquina do mundo se entreabriu
Para quem de a romper já se esquivava
E só de o ter pensado se carpia.**

ATIVIDADE

CARTA

Há muito tempo, sim, que não te escrevo.
Ficaram velhas todas as notícias.
Eu mesmo envelheci: Olha, em relevo,
estes sinais em mim, não das carícias
(tão leves) que fazias no meu rosto:
são golpes, são espinhos, são lembranças
da vida a teu menino, que ao sol-posto
perde a sabedoria das crianças.

A falta que me fazes não é tanto
à hora de dormir, quando dizias
"Deus te abençoe", e a noite abria em sonho.
É quando, ao despertar, revejo a um canto
a noite acumulada de meus dias,
e sinto que estou vivo, e que não sonho.



1. O poeta, através desta “**carta**”, dirige-se:

- a) à mãe.
- b) à namorada.
- c) à filha.
- d) à neta.
- e) aos avós.

02. Pode-se responder facilmente à pergunta anterior através de certas palavras empregadas, como:

- a) “teu menino” – “Deus te abençoe”.
- b) “das carícias tão leves”.
- c) “no meu rosto”.
- d) “a falta que me fazes”.
- e) “noite abria em sonho”.

03. As notícias envelheceram, perderam a força característica de novidade e atualidade. Existe um verso que explica esse envelhecimento:

- a) “Há muito tempo, sim, que não te escrevo”.
- b) “São golpes, são espinhos, são lembranças”.
- c) “A falta que me fazes não é tanto”.
- d) “É quando, ao despertar revejo a um canto”.
- e) “e sinto que estou vivo, e que não sonho”.

04. A expressão “**ao sol-posto**” é empregada em sentido figurado. Ela exprime:

- a) a vida sonhada – não vivida.
- b) os ideais da maturidade.
- c) a aurora de um novo dia.
- d) a vida que passou – trazendo a velhice.
- e) a sabedoria das crianças.

05. O poeta fala que traz em si “**marcas**”. Essas “marcas” são:

- a) da infância.
- b) da adolescência.
- c) da maturidade.
- d) da velhice.
- e) impossível de saber.

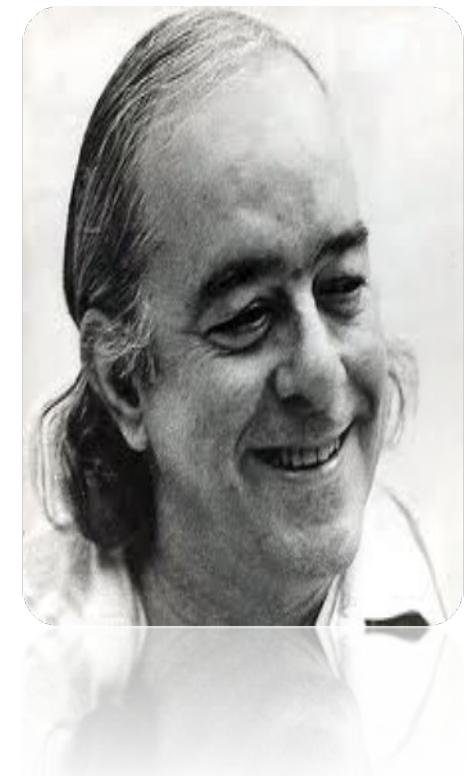
06. O autor enumera essas “**marcas**”:

- a) tempo e notícias.
- b) relevo – sinais e carícias.
- c) golpes – espinhos e lembranças.
- d) noite e sonho.
- e) canto – a noite e meus dias.

VINÍCIUS DE MORAES (1913-1980)

Primeira fase (1933 – 1943)

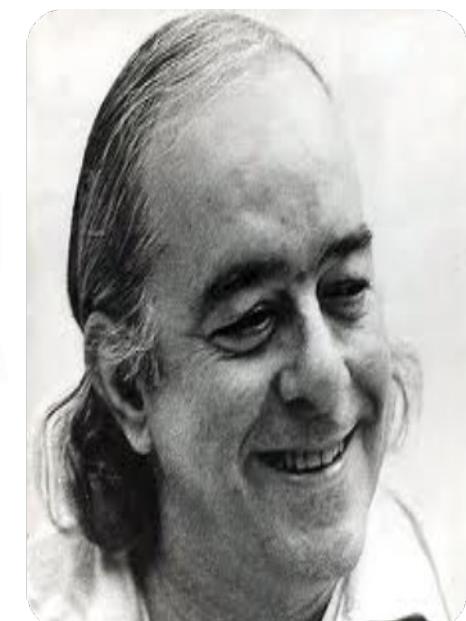
- Preocupação religiosa (intensa angústia).
- Consciência torturada pela precariedade da existência.
- Inspiração na tradição bíblica.
- Crise existencial: concepção de vida e pecado.



VINÍCIUS DE MORAES (1913-1980)

Segunda fase (1943 -1980)

- Sonetos amorosos (**marcas camonianas**).
- Linguagem coloquial.
- **Verso curto e incisivo.**
- **Presença do humor e da ironia.**
- Retomada do soneto.
- Temática amorosa (erotismo).
- Poesia de tensão social.



Obras:

Primeira fase:

O caminho para a distância (1933)

Forma e Exegese (1935)

Ariana, a mulher (1936)

Novos Poemas (1938)



ARTE DE MARCÍLIO GODOI

Segunda fase:

Cinco Elegias (1943)

Poemas, Sonetos e Baladas (1943)

Orfeu da Conceição (teatro - 1956)

Livro de Sonetos (1957)

Para viver um grande amor (crônicas e poemas - 1962)

Para uma menina com uma flor (crônicas - 1966)

Soneto de Fidelidade

De tudo ao meu amor serei atento
Antes, com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto,
Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento.

E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama.

Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.



ATIVIDADE

01. No amor há sempre um misto de alegria e de tristeza.

Assinale a expressão do em que o **eu lírico** procura traduzir essa verdade:

- a) “Ao meu amor serei atento”.
- b) “Dele se encante mais meu pensamento”.
- c) “Quero vivê-lo em cada vão contentamento”.
- d) “Ao seu pesar ou seu contentamento”.
- e) “Assim quando mais tarde me procure”.



ATIVIDADE

02. Aponte palavras que indicam um crescimento de intenções de afetividade do autor:

- a) de tudo – antes
- b) e sempre – e tanto
- c) louvor – canto
- d) infinito – dure
- e) momento – zelo



Soneto de Separação

De repente do riso fez-se o pranto
Silencioso e branco como a bruma
E das bocas unidas fez-se a espuma
E das mãos espalmadas fez-se o espanto.

De repente da calma fez-se o vento
Que dos olhos desfez a última chama
E da paixão fez-se o pressentimento
E do momento imóvel fez-se o drama.

De repente, não mais que de repente
Fez-se de triste o que se fez amante
E de sozinho o que se fez contente.

Fez-se do amigo próximo o distante
Fez-se da vida uma aventura errante
De repente, não mais que de repente.

CECÍLIA MEIRELES (1901-1964)

- A solidão e a sensação de perda.
- **A passagem do tempo / a efemeridade da vida.**
- Herança simbolista: uso contínuo de imagens/símbolos.
- Suave musicalidade...
- Poesia intimista, subjetiva e musical.
- Poesia universal.
- **“A vida só é possível reinventada”**



Obras:

- Viagem (1939)
- Vaga música
- Mar absoluto
- Retrato natural
- Romanceiro da Inconfidência (1953)

“ Liberdade – essa palavra
que o sonho humano alimenta:
que não há ninguém que explique,
e ninguém que não entenda!”



ARTE DE MARCÍLIO GODOI

Banquetes. Gamão. Notícias.
Livros. Gazetas. Querelas.
Alvarás. Decretos. Cartas.
A Europa a ferver em guerras.
Portugal todo de luto:
triste Rainha o governa!
Ouro! Ouro! Pedem mais ouro!
E sugestões indiscretas:
Tão longe o trono se encontra!
Quem no Brasil o tivera!
Doces invenções da Arcádia!
Delicada primavera:
pastoras, sonetos, liras,

ROMANCE XXI OU DAS IDEIAS

[. . .]

Casamentos impossíveis.
Calúnias. Sátiras. Essa
paixão da mediocridade
que na sombra se exaspera.
E os versos de asas douradas,
que amor trazem e amor levam ...
Anarda. Nise. Marília ...
As verdades e as quimeras.
E os inimigos atentos,
que, de olhos sinistros, velam.
E os aleives. E as denúncias.
E as ideias.

RETRATO

*Eu não tinha este rosto de hoje,
Assim calmo, assim triste, assim magro
Nem estes olhos tão vazios,
Nem o lábio amargo.*

*Eu não tinha estas mãos sem força,
Tão paradas e frias e mortas;
Eu não tinha este coração
Que nem se mostra.*

*Eu não dei por esta mudança,
Tão simples, tão certa, tão fácil:
- Em que espelho ficou perdida
A minha face?*



Motivo

**Eu canto porque o instante existe
e a minha vida está completa.**

**Não sou alegre nem sou triste:
sou poeta.**

**Irmão das coisas fugidias,
não sinto gozo nem tormento.**

**Atravesso noites e dias
no vento.**

**Se desmorono ou se edifico,
se permaneço ou me desfaço,
– não sei, não sei. Não sei se fico
ou passo.**

Sei que canto. E a canção é tudo.

Tem sangue eterno a asa ritmada.

**E um dia sei que estarei mudo:
– mais nada.**

Epígrama nº 8

**Encostei-me a ti, sabendo bem que eras somente onda.
Sabendo bem que eras nuvem, depus a minha vida em ti.**

**Como sabia bem tudo isso, e dei-me ao teu destino frágil,
fiquei sem poder chorar, quando caí.**

JORGE DE LIMA (1893-1953)



- Filho de senhores de engenhos, nasceu em União dos Palmares (Alagoas).
- Médico, político e professor de literatura.
- formas **clássicas e modernistas**.
- Obra de crítica social e clara pulsão metafísica com **matizes surrealistas**.
- **poesia de fundo religioso e também a “poesia negra”**.
- Contamina o leitor num clima de busca essencial: O passado junta-se ao presente, memória e invenção, sonho e realidade, história e futuro, infância e ancestralidade confundem-se.

Obras:

XIV Alexandrinos (1914)

■ “O acendedor de Lampiões”

Poemas (1927)

Essa Negra Fulô (1928)

Novos Poemas (1929)

Calunga (1935)

O Tempo e a Eternidade (1935)

Livro de Sonetos (1949)

Invenção de Orfeu (1952)



ATIVIDADE

Essa Negra Fulô

Ora, se deu que chegou
(isso já faz muito tempo)
no banguê dum meu avô
uma negra bonitinha
chamada negra Fulô.

Essa negra Fulô!

Essa negra Fulô!

[...]

Essa negra Fulô!

Essa negrinha Fulô
ficou logo pra mucama,
para vigiar a Sinhá
pra engomar pro Sinhô!



**Fulô? Ó Fulô?
(Era a fala da Sinhá
chamando a Negra Fulô.)
Cadê meu frasco de cheiro
que teu Sinhô me mandou?**

**-Ah! foi você que roubou!
-Ah! foi você que roubou!**

**Cadê meu lenço de rendas
cadê meu cinto, meu
broche,
cadê meu terço de ouro
que teu Sinhô me mandou?**

**Ah! foi você que roubou.
Ah! foi você que roubou.**



O Sinhô foi açoitar
sozinho a negra Fulô.
A negra tirou a saia
e tirou o cabeção,
de dentro dele pulou
nuinha a negra Fulô.

Essa negra Fulô!
Essa negra Fulô!

Ó Fulô? Ó Fulô?
Cadê, cadê teu Sinhô
que nosso Senhor me
mandou?
ah! foi você que roubou,
foi você, negra Fulô?

Essa negra Fulô!



MURILO MENDES (1901-1975)

- Mineiro que passou muitos anos na Europa.
Foi professor de literatura brasileira na Itália (Roma) e morreu em Portugal em 1975.
- Converteu-se ao **catolicismo**: poemas de **ideologia cristã**, a **estética surrealista** e a postura **socialista**.

OBRAS:

Tempo e Eternidade (1935), com Jorge de Lima); **A Poesia em Pânico** (1937) **O Visionário** (1941), **As Metamorfoses** (1944), **Poesia Liberdade** (1947)



Canção do Exílio

Minha terra tem macieiras da Califórnia
onde canta gaturanos de Veneza.

Os poetas da minha terra
são pretos que vivem em torres de ametista,
os sargentos do exército são monistas, cubistas,
os filósofos são polacos vendendo a prestações.

A gente não pode dormir
com os oradores e os pernilongos.

Os sururus em família têm por testemunha

[a Gioconda.

Eu morro sufocado
em terra estrangeira.

Nossas flores são mais bonitas
nossas frutas mais gostosas
mas custam cem mil réis a dúzia.

Ai quem me dera chupar uma carambola de verdade
e ouvir um sabiá com certidão de idade!



MÁRIO QUINTANA (1906-1994)

- Uma vida em Porto Alegre / Jornalista e Tradutor.
- Viveu o sosismo.
- Evoluiu da poesia **parnasiana** e **neossimbolista**.
- Poeta de expressividade fácil e simples.
- Lirismo puro e original: desencanto / desesperança e melancolia.
- Curiosamente não há amargura ou pessimismo.
- Concilia uma fina ironia e um humor sutil com temas do cotidiano: a infância, a vida, a morte, o amor.
- Às vezes a **poesia** e o **poeta** são assuntos de sua poesia.

Obras:

A Rua dos Cata-ventos (1940)

Sapato Florido (1948)

Espelho Mágico (1951)

Caderno H (1973)

Pé de Pilão (1975 – **infantil)**

Lili inventa o mundo (1983 – **infantil)**



ARTE DE MARCÍLIO GODOI

BILHETE

Se tu me amas, ama-me baixinho
Não o grites de cima dos telhados
Deixa em paz os passarinhos
Deixa em paz a mim!

Se me queres,
enfim,
tem de ser bem devagarinho, Amada,
que a vida é breve, e o amor mais breve ainda...

CARTAZ PARA UMA FEIRA DO LIVRO

Os verdadeiros analfabetos são os
que aprenderam a ler e não leem.

POEMINHO DO CONTRA

Todos esses que aí estão
Atravancando o meu caminho,
Eles passarão...
Eu passarinho!



O ANTINARCISO

Esse estranho que mora no espelho (e é tão mais
velho do que eu) olha-me de um jeito de quem procura
adivinar quem sou.

A ESCRITA

Um trouxe a mirra, o outro o incenso, o terceiro o ouro.
Incenso e mirra evaporaram-se... Mas e o ouro?
Os textos nada dizem quanto à aplicação do ouro!

MANOEL DE BARROS (1916 - 2014)

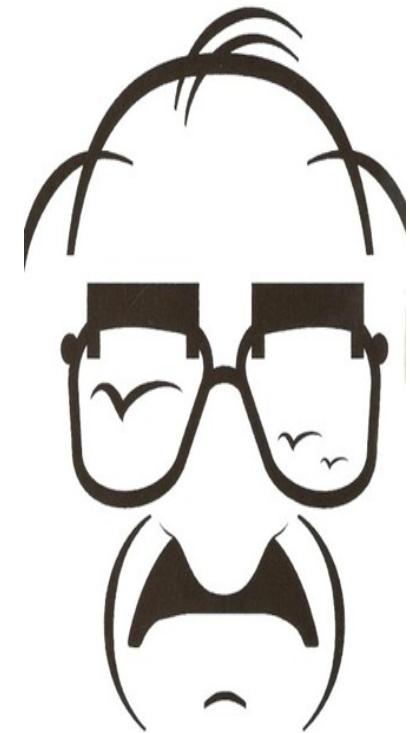
- Cuiabano que publicou seu “**Poemas concebidos sem pecado**”, em 1937.
- Fazendeiro, advogado; homem de vasta cultura.
- **O poeta viveu isolado no Pantanal.**
- É apontado como “**poeta ecológico**”.



- **Manoel de Barros** trata do destino do homem, do medo da morte, da infância se projetando no adulto, da busca da felicidade.
- Poeta original; um artista livre de convenções e modismos literários.
- Sua poesia reflete as “coisas desimportantes”.
- É também autor de livros para crianças: **Exercícios de ser criança / Cantigas por um passarinho à toa / O Fazedor do Amanhecer (2001 – Prêmio Jabuti) / Poeminha em língua de brincar (2007)**

Obras:

- Face imóvel (1942)
- Compêndio para uso dos pássaros
- Gramática expositiva do chão (1966)
- O guardador de águas
(1989 – Prêmio Jabuti)
- O livro das ignorâncias (1993)
- Livro sobre nada (1996)
- Retrato do artista quando coisa (1998)
- Poemas rupestres (2004)



ARTE DE MARCÍLIO GODOI

ATIVIDADE

O Apanhador de Desperdícios

Uso a palavra para compor meus silêncios.

Não gosto das palavras
fatigadas de informar.

Dou mais respeito
às que vivem de barriga no chão
tipo água pedra sapo.

Entendo bem o sotaque das águas
Dou respeito às coisas desimportantes
e aos seres desimportantes.

Prezo insetos mais que aviões.

Prezo a velocidade
das tartarugas mais que a dos mísseis.
Tenho em mim um atraso de nascença.



**Eu fui aparelhado
para gostar de passarinhos.
Tenho abundância de ser feliz por isso.
Meu quintal é maior do que o mundo.
Sou um apanhador de desperdícios:
Amo os restos
como as boas moscas.
Queria que a minha voz tivesse um formato de canto.
Porque eu não sou da informática: eu sou da invencionática.

Só uso a palavra para compor meus silêncios.**

■ “A poesia é a infância da língua. Sei que os meus desenhos verbais nada significam. Nada. Mas se o nada desaparecer a poesia acaba. Eu sei. **Sobre o nada tenho profundidades**”.

■ O poeta cresceu brincando no terreiro em frente à casa, pé no chão, entre os currais e as coisas **desimportantes** que marcariam sua obra.

POEMA

A POESIA ESTÁ GUARDADA NAS PALAVRAS –
[É TUDO QUE SEI.

MEU FADO É O DE NÃO SABER QUASE TUDO.
SOBRE O NADA EU TENHO PROFUNDIDADES.

NÃO TENHO CONEXÕES COM A REALIDADE.
PODEROSO PARA MIM NÃO É AQUELE QUE

[DESCOBRE OURO.

PARA MIM PODEROSENTO É AQUELE QUE DESCOBRE AS
IN SIGNIFICÂNCIAS (DO MUNDO E AS NOSSAS).

POR ESSA PEQUENA SENTENÇA ME ELOGIARAM
[DE IMBECIL.

FIQUEI EMOCIONADO E CHOREI.
SOU FRACO PARA ELOGIOS.